

VAN VELSEN, Ilse e Femke. *Fighting the Silence: Sexual Violence against Women in Congo* e *Weapon of War: confessions of rape in Congo*. Amsterdã, Ifproductions, 2008/09.



Marta Gouveia de Oliveira Rovai
Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo
martarovai@usp.br

Silenciar e anular-se. Contar e tornar-se invisível. Morte simbólica, d'alma. Desaparecer. Eis o grande drama vivenciado por mulheres no Congo, após anos de conflitos no país, desde 1998. Ferida aberta e exposta pelas cineastas holandesas, Ilse Van e Femke van Velsen, em *Fighting the Silence* (2007/2008) e *Weapon of War* (2009/2010), documentários que tratam do mesmo tema e que ainda não circularam no Brasil. Os filmes, que tiveram sua estréia em Amsterdã e continuam a participar de diferentes festivais pelo mundo durante o ano de 2010, abordam a experiência dolorosa e traumática do estupro, que permanece como tabu na cultura congoleza.

Trazer o problema à tona por meio de narrativas faz parte de um projeto, também opção de vida de suas produtoras: “escutar as vozes oprimidas” e provocar debates sobre a violência sexual em todo o mundo. Quebrar o silêncio e narrar ensinando é o grande desafio dos documentários *Fighting the Silence* e *Weapon of War*. Não há narrador central ou trilha sonora. O fio condutor é dado pelos testemunhos femininos – entrecruzados com discursos masculinos - que repetem o mesmo enredo de humilhação e de medo. Mulheres comuns, não identificadas, revisitam um passado recente, subjetivo e coletivo. Tecem uma rede de angústias, perdas e solidão, tendo como origem o mesmo marco: a violação por soldados durante a guerra; ou aquela que se perpetua em casa, velada, pelos próprios maridos.

A cena inicial do primeiro filme é um convite realizado pela rádio local de Baraka, província congoleza, para que moradoras venham participar de encontros e possam “se ver e ouvir a si mesmas e contar-nos os seus segredos”. Quem as convida é

uma educadora de comunidade que promove reuniões e aulas com homens e mulheres, e tenta convencê-los a falar sobre seus problemas.

Contar, testemunhar. Tarefa extremamente difícil num espaço social em que falar a respeito do estupro significa morrer em vida: perder o marido, a família, ser rejeitada pela aldeia e ser tratada como “cidadã de segunda classe”, como afirma uma das narradoras. Mas calar-se também é perpetuar a violação e definhar na tristeza. Não são poucas as imagens que mostram mulheres sozinhas, isoladas, deitadas em posição fetal, em que as lágrimas dizem em silêncio.

No primeiro filme, uma vendedora de peixes expõe sobre a violência sexual sofrida durante a guerra. Narra acerca do medo de morrer assassinada pelos soldados, e da vergonha de contar ao marido sobre o ocorrido. Olhos baixos, fala quase inaudível: “Isso é um tabu aqui”. No Congo, quase 80.000 sobreviventes de violações, como ela, submetem-se à proibição social de testemunhar.

Nos dois documentários, que dialogam entre si, assistimos a um desenrolar de fios, de experiências que pertencem a um lugar comum. Cada relato feminino que se segue, permeado de dor, lágrimas, pausas e lembranças de perdas – abortos, rejeição do marido, desesperança – é complementado por uma imagem que nos leva à introspecção: uma mulher que se lava, pois sente o cheiro dos piolhos e das roupas dos seus violadores; a chuva silenciosa que cai como lágrimas; as mãos que se apertam no corpo encolhido; o olhar cabisbaixo...

Em alguns momentos de *Fighting the Silence*, a tristeza é amenizada pelas cenas dos rituais religiosos, as roupas coloridas, os cantos coletivos e contagiantes, quando a dignidade feminina parece aflorar. Em grupo, os sentimentos se encontram, são compartilhados. Há o renascimento momentâneo. Em uma cerimônia retratada, um pastor aborda a questão do estupro como algo demoníaco; compara a relação sexual sem consentimento à expressão *ubakagi*, a mutilação de um animal com faca.

No entanto, a mutilação não ocorre apenas pelo estupro, pois o inferno continua depois dele. Maridos “feridos”, “traídos”, “envergonhados”, falam de sua rejeição às mulheres. “É impensável dividir minha esposa com um burundian”, diz um deles. “Como um homem pode continuar com aquela mulher?”, diz outro. Comungam um mesmo pensamento: “Não é possível conviver em paz quando todos lhe apontam. É insuportável”. Medo e vergonha levam ao silêncio masculino. O silêncio que não é ocultação apenas, mas acusação às suas companheiras: os abortos durante o estupro acabaram com o sonho de se ter um filho, de se constituir uma família; a coerção sexual

trouxe a ofensa de ter que dividir sua esposa com o inimigo. Parece impossível aos homens compreender a humanidade e a fragilidade das vítimas, percebidas por eles como a causa da desonra masculina.

Em alguns discursos de soldados, a culpa da degradação moral é atribuída aos inimigos de guerra: “A violência começou com a guerra e três países são responsáveis por ele (Burundi, Ruanda e Uganda). Se um congolês continua a praticar a violação é porque aprendeu com o inimigo”. Para vários homens, a perpetuação dessa prática é estimulada, de certa maneira, pelas próprias vítimas: “É preciso ensinar às mulheres como se vestir. Hoje em dia só vemos mulheres com poucas roupas, sem virtude. Vocês mulheres estupram os homens. Então, vocês não podem acusar os homens”.

A figura do interlocutor não aparece claramente nas cenas em que as vítimas podem tomar a palavra livremente, apesar do temor. Nos momentos em que soldados, maridos e algozes relatam suas experiências, ou se recusam a falar, o papel da educadora de comunidade é fundamental: é ela quem toma a iniciativa de perguntar, na tentativa de provocar a reflexão, de questionar os preconceitos e rancores masculinos, e discordar deles. Representa, talvez, a porta-voz das oprimidas, o rompimento com o tabu, o direito de desdizer o que foi estabelecido. A câmera destaca seu rosto balançando negativamente, suas expressões de lamento e enfrentamento. E ela se dirige aos seus interlocutores: “Nada justifica o estupro de uma mulher!”.

A quebra do silêncio e o esforço para o diálogo aparecem, primeiro, na promoção de um jogo sob a sombra de uma mangueira, para o qual todos na comunidade são convidados a participar, especialmente os homens, para quem as mulheres guardam “uma surpresa”. Elas simulam um estupro, enquanto a câmera busca os olhos vermelhos de algumas espectadoras e o rosto envergonhado e amargurado de seus companheiros. Uma mulher narra, ao lado de seu marido, a violência sofrida e omitida por ela. É, então, espancada por ele diante do público assustado.

É o momento de intervenção da educadora, aproximando as angústias: “Se você estupra uma mulher, estupra sua mãe. Se você estupra uma menina, viola sua filha ou sua irmã. Alguém conhece uma pessoa próxima que tenha sido violada e queira quebrar o silêncio? *Esse é o fim do nosso jogo!*”

Em *Weapon of War*, já não se trata mais de um jogo, pois as narrativas femininas e masculinas ocorrem de fato, num enfrentamento em que as palavras tocam, machucam e, muitas vezes, libertam violadores e violadas. Os homens justificam suas ações, atribuindo-as à violência da guerra, ao ato animalesco dos homens em grupo. Nesse

momento, vítimas e algozes são colocados frente a frente, e as mulheres quebram o silêncio: “Você destruiu a minha vida”, diz uma delas ao seu violador. E, então, temos o silêncio masculino diante da culpa...Narradores aprendendo e ensinando.

Essas imagens extremas e tocantes dos filmes nos fazem pensar sobre a importância e a necessidade dos conflitos para, nesse caso, compartilhar a dor, fazer-se conhecer e conhecer o outro. A ultrapassagem da dor para a solução dos problemas só pode ser feita por um esforço coletivo, por um olhar sobre o acontecido a fim de possibilitar a superação do silêncio. Pelo doloroso jogo do contar.

O projeto, no entanto, não tem seu final nos próprios documentários. As produtoras planejaram o retorno à comunidade. Desde setembro de 2008 um cinema móvel circula nos bairros pobres do Congo, promovendo debates acerca da violência sexual e suas consequências. Antes dos filmes serem divulgados por outras províncias, as cineastas Ilse Van e Famkem van Velsen procuraram ouvir os entrevistados. Quiseram ouvir deles suas impressões a respeito da temática, conhecer as experiências vivenciadas a partir dos encontros e seus efeitos para a população. Procuraram validar as falas e imagens de forma ética e participativa, ao pedirem a autorização por escrito a cada um dos narradores, para a exibição das filmagens.

Os debates com a comunidade também contaram com a participação de ONGs, que puderam opinar sobre elementos dos filmes a serem mantidos, tirados e alterados, assim como sobre os prováveis problemas de sua execução pública e os locais onde poderiam ser divulgados. Foi possível discutir o papel denunciativo, transformador e educativo do projeto.

Os documentários *Fighting the Silence* e *Weapon of War*, apesar de tratarem de um tema tão amargo, encantam por manter princípios que valorizam as histórias de vida: a construção de um projeto de intervenção social; o respeito ao colaborador; a devolução política à comunidade de destino, procurando os fios de uma história coletiva e profundamente marcada pela singularidade do(a) narrador(a). E mais: a crença de que a luta contra o silêncio opressor, assim como as soluções para os traumas, só são possíveis quando os envolvidos podem revisitar seus medos e angústias, e compartilhá-los.